GRANDES AMORES DE PORTUGAL

LINDA IGNÊS

COLEÇÃO HISTÓRIA

Rocha Martins

Reg. 201-R.
CONSERVATORIA DA PROPRIEDADE LITERARIA, CIENTIFICA E ARTISTICA DO ESTADO NACIONAL LISBOA
N.º 1
26 Janº de 1928
Gráfica 3402
26369

ROCHA MARTINS
DA ACADEMIA DAS SCIÊNCIAS

OS GRANDES AMORES DE PORTUGAL

R.P.L. 6467
B 12 Fls. 14
Le 4 Fls. 135 Nº 4145
L. 18708 10

LINDA INÊS

BIBLIOTECA NACIONAL DE LISBOA

CAPA ILUSTRADA POR
ALBERTO DE SOUSA

COLECÇÃO «HISTÓRIA»
— RUA DO ALECRIM, 61 —
LISBOA
EDIÇÃO DO AUTOR

Comp. e impr. na
Rua do Alecrim, 61
LISBOA

PRIMEIRO QUADRO

DUAS DESPOSADAS

TERMINARA a boda rial e a noiva, a infanta D. Constança, parecia alucinada. Ao atravessar o Salão da Alcáçova, deixadas as damas nas casas baixas, deparara-se-lhe um espectro no meio de tanta felicidade. Era D. Branca de Castela, de rosto chupado, abatida sob os brocados e as pratas das vestes, ética, tonta e hemiplégica, a desposada repelida pelo infante D. Pedro e cujo lugar de futura rainha ela viera ocupar.

Durante dez anos, dia a dia, vivera no Paço, tratada com carinho, mas a afeiar-se, a deperecer, tendo expressão apenas nos olhos febris e desvairados, gerando as queixas do principe, que, ousado, forte, embora de fala tarda pelo nervoso excessivo, sobretudo nas suas cóleras, gaguejara, súplice, para o rei: «que com ella nem com outra alguma o não casasse contra sua vontade porque não houvesse occasião de lhe desobedecer, como não desejava» (1). D. Afonso IV, meditando nos êrros das suas antigas revoltas contra o pai, nas guerras com que talara o reino, no ódio

(1) Padre José Pereira de Bayam — *Chronica de El-Rei D. Pedro I.*

cioso votado aos irmãos bastardos, olhara a princesa macilenta, de peito reintrante, um galho destroçado de árvore realenga, e satisfizera a ansiedade do filho. Mandara ao seu genro, soberano de Castela, o recado do envio de físicos, a-fim de observarem as enfermidades da escolhida para o trôno, mas que não lhe poderia dar digna sucessão. Escolhera-se D. Constança para a substituir; porém, houvera uma longa guerra, antes que pudesse vir para o tálamo régio.

O monarca castelhano decidira, outrora, ser o seu espôso, menos prêso por suas graças infantis, ao tempo do pedido de casamento, do que açulado pela política. Receava o poderoso pai da formosa menina, ligado a outros ricos homens; levara-lhe a filha e quando o separara dos amigos, pedira em consórcio a infanta portuguesa, deixando de lado a que se tornara sua prisioneira no castelo de Toro. Já fôra dada a palavra ao príncipe de Portugal para o noivado e tornara-se precisa uma guerra para que ela chegasse a Lisboa e ao leito das bodas. Sofrera muito, a-pesar da sua pouca idade; passara tormentos e compreendera a lascívia do monarca que a desejara para o amor, sem compromissos, como a uma concubina. Vira, depois, a rainha, padecendo inclemências quando êle tomara por amante a mais bela e espirituosa das mulheres, D. Leonor de Guzman, que o trazia à trela, como um galgo, assenhoreada de sua vontade, dominando-o. Ainda tôda agitada do terror, mas gosando, no íntimo, da desilusão da que subira ao trôno em seu lugar ante as máguas causadas pela preferida, entrara naquêle palácio onde encontrara o

noivo de olhos fuzilantes a demonstrar-lhe quanto lhe agradavam seu viço e esbelteza e como repelia, mais do que nunca, a face cadavérica da ética prometida, transformada num limo humano.

Porém, ela, a repudiada, ali estava, ainda, na volta dum corredor, como a querer falar-lhe, mas sem coisa alguma lhe dizer, lívidas as faces, horrenda nos seus rebrilhantes trajos de gala. Rápidamente, o fantasma sumira-se, mas a recem-casada, ao mirar-se no espelho, deparára de novo com o semblante hediondo, de beiços entre-abertos, a deixarem vêr os dentes ralos, dum mau sorriso, o olhar de lampejos singulares, fuzilando-a em scintílas sarcásticas. Imaginou, então, ser ela própria, assim deformada, ao pôr-se em paralelo com alguma beleza rara que a distanciasse tanto da verdadeira formosura quanto a infanta despresada estava longe de sua graça moça, vivacidade e gentileza.

Durara um ápice aquêle pensamento. No pátio da Alcáçova raspavam as ferraduras dos corséis; uma charamela anunciava a passagem dos cavaleiros e, lá ao fundo, o Tejo alastrava-se, todo doirado na luz do declinar da tarde de agosto e de boda rial, no ano de 1340, ainda vibrante dos écos da guerra.

D. Constança sentia-se na beira da ventura. Seria rainha. Atravessara a raia com um séquito magnífico de fidalgos esforçados, donairosos, de nomeada, seguida por uma côrte de donas nobres e algumas tão gracis que os portugueses se embeveciam amorosos, sôbretudo ante a sua íntima aia D. Inês de Castro, cuja beleza os extasiava. Eram tão loiros os seus cabelos que, dir-se hia, ter-lhes o sol

doado seu brilho sem ocaso; as feições guardavam encantos de meiguice e de altivez, a um tempo, os quais andavam casados em seus olhos que procuravam fixar-se numa atracção, embora em risco de perpétuo cativeiro. Mostrava tanta magestade na andada que todos se enfeitiçavam ante o pisar senhoril, como se a vissem, soberana da beleza, garbosa, a semear perdões. Havia em seu busto esbelteza e fôrça; de gentil tinha muito; porém, bastante robustez se revelava no escultural de suas linhas, de tal maneira graciosas, que os poetas paçãos — e ainda mal tocara a terra portuguesa — já a apelidavam de *Collo de Garça.*

A evocação da maravilhosa dama surgiu novamente aos olhos da infanta o rosto de D. Branca, num abismal contraste e quedou-se de olhar fixo, num pasmo sucumbido. Correu-se, num tinído de argolas de oiro, a pesada colgadura duma porta, e ela sentiu-se apertada nos braços do marido, a bôca contra a dêle, no grande beijo com o qual selava tôda a ânsia, já descoberta no brilho de suas pupilas esbrazeadas.

A côrte assistiu, durante meses, ao espalhar da alegria do noivado. O próprio rei desfizera a viseira rígida de quem vivia em culpas mortais. Fôra bem tempestuosa a sua existência; erguera, por vezes, as armas contra o pai, o bom rei D. Diniz; refalsara-se em mentiras contra o irmão D. Afonso Sanches e, votado à expulsão, mandara degolar outro bastardo real (1); e, guerreiro audaz, ambicio-

(1) D. João Afonso. Sofreú o suplício porque D. Afonso IV o julgou cúmplice das revoltas de Afonso Sanches, o mais detestado dos seus irmãos.

so, hirto no seu poderio, fazia tremer a côrte e o povo e não era querido. Cheirava a sangue e a pecado, não porque fôsse dissoluto ou ignóbil, mas porque não hesitára em fazer baixar o cutelo sôbre o pescôço do próprio irmão nem em levantar uma hoste contra o digno pai, desde que refervera em sua alma brava a cólera, o despeito do mais formidável e soberano egoísmo do mando. A vida não lhe correra bem. A filha, a gentilíssima D. Maria, casada em Castela, era uma mártir ante a influência da amante do rei, a enebriadora D. Leonor de Guzman; o genro desdenhava do seu poder e êle, àquem raia, rangera os dentes, até à hora em que vira chegar a desditosa implorando seu socorro, seu auxílio para o marido. O impetuoso julgara chegado o seu momento de desforra, mas enlividecera, ao ouvir a voz tão sua querida, a soluçar, dizendo algararem os moiros de Marrocos freimas de conquista da península. A rasão de estado predominou. Juntou as hostes, ergueu o montante e quando, na tarde da batalha do Salado, em que vencera, o genro lhe apresentava os despojos magníficos para escolher, olhara-o e tomára apenas o príncipe Abohama, ao qual pessoalmente cativara, uma cimitarra rebrilhante de pedrarias, alguns balsões mouriscos e, de olhos ascuados, fitos no algoz da filha, ordenou-lhe que a tratasse bem, de futuro. Amolecia um instante, como uma rocha adusta na qual crescesse a suave avenca, ao brotar duma fonte. Desanuviara o rosto barbaçudo, sorria ao vêr, pelas tardes, os noivos olhando as verdes almoinhas, o rio azul, as pombas voejando como as fôlhas de árvores levadas pelo vento do inverno que chegava. Entrara

nos cinqüenta anos e queria sossegar, seguro da descendência adivinhada nos cuidados de que D. Pedro rodeava a infanta, sempre feliz, de faces escarlatadas pela ventura e já esquecida da visão da ética apagada, com sua fealdade, tonteira e repelência no mosteiro de Huelgas de Burgos, onde se metera a freira. Tudo ressumava tranqüilidade e a rainha D. Beatriz, que amava o espôso, comprazia-se em vêr-lhe na face, indómita até aí, uma placidez de bem-estar. Um dia, porém, topara a nora meia distraída, parecendo prêsa a alguma extravagante quiméra. Chegara-lhe um sussurro vago de ditos cortezãos e quizera saber se a ventura continuava. Ela, porém, sofria; julgava-se estéril, ao cabo dum ano de consórcio, e preguntava se não haveria virtude — herva de funcho ou graça de santo — que lhe proporcionasse a felicidade de ser mãe.

Tempo depois sentira-se grávida e, quando chegaram as auras de abril, passados vinte mêses do casamento, acamou, para dar à luz na alcôva grande do paço de Évora.

Rejubilava-se na côrte e ela sentia um luar de esperança no meio das suas dores. Dependeriam do seu ventre a tranquilidade e a paz e a princesa, que tantos horrores vira no lar do rei castelhano, pedia a Deus que lhe désse uma hora boa e um filho robusto para o trôno, a-fim de evitar lutas.

Daí a pouco tilintavam os sinos; rumorejava o povo diante do palácio e os cortezãos murmuravam, nas recâmaras, as suas palavras de júbilo ante o nascimento da rial criança que vinha acabar com a lenda da infecundidade da consorte de D. Pedro.

Ouviu-se um grande barulho no pátio da

régia moradia; bateram armas; depois um ruído de acicates, tilintando no lagêdo da escadaria, tornava-se mais intenso, à medida que se aproximava do aposento para, de seguida, se abafar na alcatifa e todos curvavam as cabeças ante o rei que chegara de longe, à notícia da aproximação do momento de vir ao mundo o sonhado herdeiro para a sua corôa.

Baixou-se para o berço. A rainha D. Beatriz, em voz triste, murmurou uma só palavra, a reveladora do sexo da criança, e o soberano não se conteve:

—«E porque não um rapaz?...»

Tinha tanto despeito na voz que a jóven mãe, ao sumir-se nos lençóis de Holanda, pareceu afogar-se numa enorme culpa.

E no delírio da sua fraqueza julgou vêr, mais uma vez, ao fundo do quarto, o rosto macilento e contraído da infanta D. Branca que substituira no paço e no noivado. E êle era sarcástico, terrível, escarninho, em sua fealdade.

SEGUNDO QUADRO

TORTURAS DE PAIXÃO

ENTRETINHA-SE muito a côrte na falácia de certos olhares do príncipe para a aia da espôsa, a linda Inês, que perdera sua suave compostura. A infanta continuava a acolhê-la como amiga e, receosa de seus encantos, parecia querer prendê-la pela amisade. Confiava-lhe segredos de alcôva e espreitava-lhe no lindo rosto a comoção. Via-a esmaecer ou còrar, mas sempre a engarridar-se, muito ligada às coisas belas, aos brocados, às jóias, aos toucados de rêde de oiro que se confundiam com seus cabelos. Por vezes enredeava-os em prata e, assim coifados, pareciam ráios de luar forte que se quizessem loucamente cativos em frágil gradesinha, como se fôsse possível ocultar a luz dos astros.

Empenhava-se em se esconder aos olhares do príncipe, mas, daí a pouco, era êle que entrava nos aposentos da espôsa, sob o pretexto de a visitar, mas apenas para não viver longe de quem tanto o fascinava.

A sua violência de temperamento exacer-

bava-se ante as dificuldades dos encontros, porque D. Constança trazia a dama a seu lado mais prêsa, como quem se defendesse, acarinhando. Era uma atalaia receosa.

O exemplo do rei de Castela, arrostando tudo, desde as conjuras às guerras, pelas carícias de Leonor de Guzman, levavam-na a essa defesa quási cândida, mas a encrespar-se em haustos de súbitas raivas, à recordação do mando da favorita que vira dominadora, como uma amazona forte, sujeitando o rei castelhano na cadeia lasciva de sua formosura.

Engalanava-se, procurava novos atractivos, mas só ouvia gabar a formosura da aia, ao mesmo tempo que a inculpavam invejosamente, deprimindo-lhe o ânimo, tratando-a de ingrata aos benefícios da infanta. Ela, porém, refloria em graças, adonairava-se mais seu porte, era tôda um mimo, uma feiticeira do sortilégio do sangue castelhano, misturado com a doçura da alma portuguesa de sua mãe que talvez a tivesse dado à luz num solar vetusto de Entre-Douro e Minho (1).

Andava tambem no paço, muito querida da rainha D. Beatriz, a tia da aia de maravi-

---

(1) A mãe de Inês de Castro chamava-se D. Aldonça Lorenzo e era filha de D. Lourenço Soares, o senhor de Valadares. Sendo dama da espôsa de D. Pedro Fernandes de Castro, *O da Guerra*, poderoso senhor galêgo, tivera amores com êle. Possivelmente viera ter a filha a Portugal, conforme o suspeitou Camilo Castelo Branco. Dizia-a nascida em Valadares, concelho de Gaia.

(Júlio Dias Costa — *Palestras Camilianas*).

O pai devia tanto a portugueses que se recusou a fazer guerra a D. Afonso IV, alegando que vivera muito na côrte em tempo de D. Diniz, do qual recebera inúmeros benefícios. (Duarte Nunes de Leão — *Chronica de El-rey D. Afonso IV*).

lhoso rosto, de encantos e de magía. D. Teresa de Albuquerque tôda se enlevava na sobrinha e era a sua primeira cativa e, por isso mesmo, não se atrevia a interrogá-la sôbre a dôr espalhada na sua linda fisionomia, naquela tarde do regresso da recâmara da princesa.

A espôsa de D. Pedro resplandecera, ao confiar-se-lhe, ao dizer-lhe que ía, novamente, ser mãe. Vira-a quási mármorea, sob o toucado de oiro e, mesmo assim, tão bela como se estivesse estatuada; de seguida còrara, tremeluziram-lhe nos olhos duas lágrimas, ao ouvir a ordem rial em que ía como que uma deferência, mas na qual adivinhava uma cilada:

— «E tu, Ignez, tangel-o-has... Serás a minha comadrinha...»

Trouxera-lhe docemente tal idéa a sogra, industriada pelo rei. Afonso IV voltara ao seu viver meditabundo. Já não detinha as cóleras nos lábios; arremeçava-as, fundibulava-as. Seus ímpetos constituíam furibundas arremetidas e, numa das mais excitadas, encontrara a voz prudente do seu conselheiro Diogo Lopes Pacheco. O senhor de Ferreira de Aves, Lopo Fernandes Pacheco, educara o filho para as grandes empresas da côrte e êle, astuto e atilado, soubera muito bem infiltrar-se na alma adusta do monarca. Ao ouví-lo, num meio aborrecimento, compreendera-lhe, de repente, os receios. Começava a escutar vagas queixas contra o infante e, como nunca tivera amantes, sómente tratara do seu poderio e das razões de estado; não queria turvar o futuro da sua dinastia em complicadas intrigas de paixões culposas que, a seu vêr, sempre geravam horrores.

Devia referver-lhe no ânimo o remorso do passado.

Numa subtileza de cortesão, o valido arranjou as coisas para evitar a possibilidade daquêles amores, ainda no langor das promessas e dos olhares. A infanta ía ser mãe; honrar-se hia Inês chamando-a para madrinha da rial criança e desde logo, em respeito à igreja, jamais poderia amar D. Pedro, pois praticariam como que um incesto, sendo compadres de águas bentas.

Num regougar feliz, o rei aceitou o alvitre; punha-se de lado, comunicava-o à espôsa e ela logo o levou a D. Constança, como uma magnífica prenda.

Avidamente, no prazer de quem se salva numa tormenta, mostrara à dama o seu desejo.

Mais alvo e esmaecido se tornara seu semblante; sentira quererem ligá-la à prova de amor que o infante dava à mulher legítima, cujas palavras tinham repiques jubilosos:

— «Sim... sim... Serás a minha comadrinha.»

Quando se separaram, a aia ía chorando tristemente; a castelhana derramava lágrimas de alegria e nêste consolador pranto a encontrou o marido quando entrou na alcôva.

Disse-lhe a espôsa serem de felicidade as bagas de seu pranto; contou-lhe o júbilo da sua alma de futura mãe e revelava-lhe, sem querer dizer-lhe do ardil, a idéa aninhada em seu espírito:

— «E Ignez será a madrinha d'elle...»

— «Ignez?», gaguejou, numa espuma colérica. «Ignez?»

— «Sim... Porque não?», interrogou a infanta, acariciando em seus braços a filhinha, já a dar sinais de beleza e que recebera o nome de Maria.

O pai encarrancara, mas contivera-se; fizera mesmo um mimo à criança, como a ocultar a perturbação de seu rosto. Percebera tudo.

Entrevira, num relâmpago, o fim da determinação e sentira já virem de mais experimentada sciência que a da espôsa, as resoluções sôbre aquela honraria, concedida à sua amada. Afivelara-se-lhe no espírito a certeza das suspeitas tidas sôbre o seu amor e largava, meio doido, congestionado, pelos corredores da Alcáçova, sem saber como mover-se em semelhante lance. Convulsas idéas lhe acudiam, mas tôdas negras; não encontrava um meio de se salvar e passavam-lhe no espírito ondas de revolta. Acudiam-lhe nomes de amigos aos quais poderia consultar:—Vasques Annes, seu tabelião; o bispo D. Gonçalo; o seu confessor, frei Vicente Amado — mas desejava ocultar-lhes o seu amor. Lembrou-se de Fernandes Pacheco, que fôra seu mestre; porém, recuou, tomado dum inexplicável receio e só murmurava, numa excitação epilética, súbita, feroz, indomável de neto duma santa que dera ao mundo um filho feroz:

— «Ha-de haver uma fórma... Ha-de haver uma fórma...! Por Deus que ha-de...!»

Fundiu-se-lhe todo o terror. Exclamava, num clarão de lucidez:

— «Oh! Basta que não diga as palavras deante do padre... Se não fizer tenção de ser madrinha não ha juramento... Bonda que negue, em consciencia...!»

E num repente, transmudado da tristeza na alegria, agitou-se, como se bailasse; deu saltos no quarto, sem poder conter-se, parecendo uma criança ou um louco.

Passou receosamente o aviso à bemquerida; temia que, para fugir ao grande amor de seu peito, ela pronunciasse as frases consagradas, gerando a separação, e mal sossegou até ao dia do nascimento do filho. Amá-lo hia a linda Inês? Se não fizesse o juramento ter-lhe hia dado a resposta de seu amor.

Os desgostos e os sobressaltos que pungiam D. Constança fizeram-na dar à luz ao cabo de sete meses. Era um menino muito infèsado, mal vagindo, nos seus cueiros; e a mãe achava-o lindo e robusto, garantia da sucessão do trôno e do amor do futuro rei.

Não se ergueu do leito; ficou à espera de que o baptisassem para sossegar, de vez, sabendo da impossibilidade de êles se amarem.

Na capela da Alcáçova ía decidir-se do seu destino e gosava da segurança de os separar, de não ser mais uma turvação de seus minutos a lembrança da favorita castelhana, a única rainha naquela terra, pois de novo, a-pesar do auxílio do sôgro, da guerra, da vitória do Salado, o monarca se volvera aos braços da formosa concubina.

Felizmente se desviaria de Portugal semelhante horror. E esta idéa lenitivava-lhe as dores até aí sofridas.

Junto da pia baptismal, Diogo Lopes Pacheco honrava-se de ser o padrinho do infante minguado e macilento, nadinha de carne, vindo fóra de tempo ao mundo, mas no qual a mãe se revia, embevecida. Quando o bispo

preguntou aos padrinhos qual a graça a dar ao inocente, de Luís o quizeram chamar, em memória do herói e do santo que fôra rei de França e enchera o mundo de sua fama. Desejavam-lhe glórias iguais.

Na capela rial, D. Pedro còrara de júbilo, ao vêr como Inês o olhara docemente. Chegado o instante de tocar no vultosinho do príncipe e de pronunciar as frases sacramentais, mal se ouviram os sons e em seus formosos lábios passou um suave sorriso. Ia como louco de alegria, o pai do pequenito em cuja sombrinha vaga se cometera um sacrilégio.

Ela sacrificara-se, assim; é que o amava tanto como êle a bemqueria.

Desejava todos felizes à sua volta; gargalhava, torcia-se; quási não podia conter-se na agitação. Decorreu uma semana em roda do berçosinho, diante do qual o avô se inclinára, de viseira desfeita. Ia todos os dias à alcôva da princesa.

Finalmente nascera o apetecido varão. Certa tarde, ao entrar, encontrara prantos. Mestre Joanes, o físico, estava pálido, escutando os soluços desolados da infanta. Completavam-se oito dias sôbre o nascimento e D. Luís levara-os a chorar, recusando o seio da ama. Agora ali estava, mirradinho, no seu berço, morto, levando consigo a esperança do rei que lançava sôbre D. Constança a vista, carregada de feras censuras. Depois, sem se saber como, correra no paço um murmúrio, tornado logo em intriga, quási em doestos:

«O principesinho morrera porque a madrínha não dissera todas as palavras dos sacramentos.»

E D. Pedro, ante a atoarda, esquecido do filho, em seu caixãosinho, só sabia dizer arrebatadamente:

—«Ella ama-me... Ella... ama-me...»

E ajoelhava, a agradecer a Deus êsse amor, brotado de sôbre a tumba do inocente, como uma rosa alva nascida dum sepulcro.

TERCEIRO QUADRO

RUMORES DO ÓDIO

D. Afonso IV andava por longe e atribùía-se à ausência do espôso a tristeza da rainha D. Beatriz, reconhecida em seu rosto, no intervalo das festas paças. E' que, a-pesar-de ser muito bela a sua nètinha, já de dois anos e meio, (1) ela sabia quanto o rei se turbara emquanto não lhe dera um herdeiro, varão sólido, capaz de arcar com o pêso do govêrno. Tinham morrido de tenras idades os seus primeiros filhos.

D. Afonso falecera em Penela; D. Diniz, ao cabo de um ano, finara-se em Santarem e em Odivelas sepultara-se D. João; só nascera

(1) A infanta D. Maria nasceu em Évora em 6 de abril de 1342. Embora haja divergência entre os cronistas ácêrca desta data, a seqùência dos factos demonstra que assim foi. D. Maria casou em 3 de fevereiro de 1354 com o infante D. Fernando de Aragão, contando 12 anos. Se tivesse nascido em 1347 contaria apenas 7 anos nessa época, o que tornaria impossivel o casamento. Sua mãe, D. Constança, também preparou, ainda em 1347, o consórcio da cunhada D. Leonor com o rei de Aragão, não tendo, pois, falecido em 1345, conforme marcam alguns dos partidários de ter vindo ao mundo mais tarde a famosa D. Maria. Duarte Nunes de Leão é um dêstes, mas afirma ser viva a rainha em 1347.

(Duarte Nunes de Leão, *Chronica d'El-Rey D. Affonso IV*, pág. 169).

com ares de vida larga a infanta, também de nome de Maria, tornada depois rainha de Castela. Lembrava-se ainda da fúria do marido, até que vingara o herdeiro do trôno, D. Pedro, o qual, por sua vez, era infeliz com a prole. Após o passamento da criancinha os esposos pareciam afastados e quando os ciumes de D. Constança se tinham exacerbado ante a paixão declarada do espôso pela aia, refervera a cólera do soberano.

Mais do que nunca se murmurou àcêrca do fim do infantinho D. Luís e, em intrigantes e supersticiosas falas se acusava a linda madrinha de não ter pronunciado as palavras do ritual, atraíndo a morte sôbre a cabeça do pequenito, sacrilegamente baptisado. Tal procedimento constituíra a confissão do seu amor pelo príncipe, feita diante da côrte. As invejosas de seus encantos mostravam-se muito partidárias dum castigo; exigiam severas penas que lhe deveriam ser inflingidas, às ordens do senhor meirinho-mór. Alvaro Gonçalves, investido no cargo, fingia não ouvir as insinùações, mas abria-se com Diogo Lopes Pacheco em conversas a que êste punha termo, um pouco aborrecido por lhe ter falhado o estratagêma. O príncipe mal parava no paço; corria dia e noite vilas e aldeias, sempre disposto a montear e levando consigo os íntimos, pessoas de sua feição, entre as quais se destacavam Alvaro Pires de Castro e D. Fernando de Castro, irmãos da que a côrte chamava *Collo de Garça* e feiticeira, não podendo ocultar-lhe as perfeições, mas insistindo dubiamente na sua aljava de maleficios.

Realmente era cada vez mais de enfeitiçar, com sua beleza altiva e meiga, a um tempo,

seus olhos dominadores e castos, seus magníficos e doirados cabelos e em tal ansiedade de a tomar consigo andava D. Pedro que, ora se afastava disposto a longa correria, ora voltava, num ímpeto de seu peito, para vêr a amada.

No regresso de D. Afonso IV sucedera quanto a rainha previra; uma cólera resfolegava em seus lábios; enchera-se de severidade o seu rosto onde as barbas já grisalhavam e resmoneara ameaças, ante os dizeres dos cortesãos. De novo D. Constança sentiu ser culpada, e chorou as desditas de sua carne e do destino. Uma revolta enorme a acometeu; uma sentida raiva a turbou, ao embeber-se nas acusações ambientes, ácêrca da morte do seu filhinho — vindo de sete meses ao mundo, finado de oito dias, desaparecido, como por um castigo do céu. E a culpa era menos dela que da alucinadora do espôso, a qual lhe enchera a alma de torturas. Sofrera muito, ao lembrar-se do domínio da favorita, que vira em Castela, arrastando consigo a realesa e agora, sem considerações, tomada de superstição, só achava que seu mal fôra produzido pela aia. Ela a alanceara e por isso a criança nascera fóra da normalidade; não pronunciara as palavras dos sacramentos e Deus levara-lhe o afilhado.

D. Constança, torturada, refervia nas cóleras do seu antigo horror quando vivia em Castela, noiva dum rei, despresada para o sólio, mas bem querida para o tálamo.

Viera substituír outra infanta em Portugal, a feia, amortalhada presentemente no seu hábito de monja no convento de Burgos, e soluçava, ao recordá-la, julgando-se tão hor-

renda como ela era, ao comparar-se com Inês. Amaldiçoava as belezas transtornadoras dos homens; metia-se na sua fé, para as capitular de infernais, e já não podia vêr passar a antiga aia no seu serviço ou mesmo a sumir-se nas recâmaras, sem traçar depressa o sinal da cruz, como diante duma terrivel diabolina, de olhos perturbantes e cabelos de sol. Levantava a voz em queixas e D. Beatriz, que jámais padecera de ciume, pois o marido fôra sempre fiel, não a compreendia, embora a escutasse. Desculpava o filho; estremecia à idéa das batalhas em que o marido se movera contra o pai e buscava acalmar-lhe as iras, receosa de algum arranco de D. Pedro em cujo rôsto lia as desditas, as amarguras e as violências contidas. No ânimo de D. Afonso IV deviam passar também os remorsos das suas velhas luctas quando armara as hostes contra o seu progenitor e salpicara o cadafalso com o sangue do irmão. Levava horas demoradas com os conselheiros, na sua câmara. Convocava o valido, o meirinho-mór e o senhor de Jarmello, Pero Coelho, com outros; e, sensato nos seus ímpetos, dizia-lhes desejar a paz, poupando o filho, no íntimo atemorisado do castigo de Deus, pelo que fizera outrora. Do conselho saíu a idéa de expulsar do reino a formosa aia, à qual a infanta já não podia encarar, atribùíndo-lhe todos os seus males e até as culpas de ter tão lindo rôsto e tão loiros e magníficos cabelos, as cadeias de oiro do coração de D. Pedro. E os homens, cogitando, reconheciam-lhe na beleza a fôrça e receavam-na, pois arrastaria o infante a algum exagêro. Curvavam as cabeças, meditativos; cofiavam as barbas; passeavam ao longo da sala, até

que o atilado Diogo Lopes Pacheco, desejoso de evitar os irremediáveis conflitos, insinuou ser talvês melhor convencê-la a dizer-se saudosa da sua Galisa e de se acolher ao solar paterno. Seria necessário combinar com os irmãos êsse passo, ao qual o príncipe não se podia opôr mas, ao evocarem-no, as palavras cataduparam dos lábios ambicíosos dos conselheiros. Queriam antes, os Pires de Castro, que a irmã vivesse em Portugal e reinasse no coração do futuro rei, a-fim-de se encherem de prebendas, de benesses e honrarias, desapossando dos altos cargos aquêles que eram os naturais defensores da nação. Sentiam-se apeados, mal-queridos, obrigados a viver nos seus solares, emquanto dominariam os estrangeiros. Não deixaram de acentuar as ambições dos que acompanhavam o infante em suas correrias e caçadas. Seria melhor voltarem-se para meio mais simples e eficaz, talvez tomando por medianeira D. Theresa de Albuquerque, à qual se diriam as urgentes razões; mas o astuto Diogo Lopes Pacheco apresentava-a como uma cativa da sobrinha. E a quem não escravisaria ela, com sua formosura e meiguice, cada vez mais aureolada pelo amor dum príncipe, tendo muitas invejosas à sua volta mas também um começo de partidarismo a segui-la na sombra, até à hora da sua vitória?! Sim, poderia alguém escapar à sua fascinação?

Um assômo de orgulho passou nos olhos relampejantes do monarca. Estendeu a mão, habituada ao montante e ao poder, e decidiu ser êle quem a convencesse. Passou um frémito medroso em volta; fez-se um frio na sala; entreviram, a súbitas, o rigôr da entrevista e,

com efeito, no rosto do rei não se preanunciavam doçuras. Guardava segrêdo da diligência; avisou a aia da infanta do seu desejo de lhe falar, e achou palavras pouco rudes para lhe dizer. Fê-la conduzir à sua câmara, sem que o suspeitassem os da côrte; ordenou silêncio aos validos e, expondo os motivos da sua conduta à linda dama, só notou em seus olhos candura e obediência. Baixava a voz, o rei, como se fizesse o pedido a uma imagem, muito em devoção, solicitando-lhe a partida, por sua vontade, como um grande benefício; e êle próprio, de hábito tão rude, sentia o domínio da beleza e intimamente desculpava o filho.

Acudira-lhe, de repente, a conveniência do estado; a infanta nascida quando desejava um varão e, depois, a morte de D. Luís. Desde que D. Pedro andasse noutros amores seria a derrota de seus sonhos, da qual caberia a culpa àquela maravilhosa mulher.

Inês escutou-o, de olhos turbados; beijou-lhe a mão, sem palavra, como numa obediência formal. Recolheu à sua alcôva, em doloridos anseios e dispusera-se a partir, a deixar a côrte, Portugal e o amoroso príncipe. Devia participar-lhe, porém, ser de sua vontade essa largada para outros destinos, escrever-lho, ou antes, comunicar-lho, conforme o rei mandara. Ignorante nos sortilégios da paixão, tendo sido sempre um frio despresador de mulheres, embora respeitasse a sua, mal compreendia o lampejo animador da labareda ardente e logo do devastante incêndio onde se abrasariam, quer D. Pedro recebesse a missiva, quer a notícia, dos lábios de D. Inês. O bravo batalhador era vencido pela candura dum grande

amor em que, ainda sem pecado, o filho e a formosa aia se enleavam.

Ao receber a nova o infante rugiu. Não parecia o mesmo, no seu eterno disfarce, na sua compostura de sujeição, quando era um violento. Encheu-se-lhe de espuma a bôca colérica, gaguejou impropérios e, arrebatadamente, bem parecido com as fúrias paternas, levantou a sua atitude, correu aos aposentos da amada e, ao topá-la mais bela, em aprestos de viagem, diante da tia, sempre pronta a segui-la, bradou: que iriam ambos!

Amava-a; queria levá-la consigo, não podiam deixar de se vêr. Ela, bem se compenetrara, queria-lhe tanto que cometera por sua causa pecado, junto dum sacerdote; êle, de tal maneira a adorava e tão apaixonadamente que do melhor grado lhe sacrificaria ainda a vida de outros infantes. E no fim ardiam tanto em paixão que nem chegavam a sentir como um remorso a sua impiedade e as suas combinações sacrílegas.

QUARTO QUADRO

Á EVOCAÇÃO DOS HORRORES

TUDO se sabe, numa côrte. O melhor guardado dos segrêdos não cabe em bôcas paçãs. D. Constança conheceu as determinações do marido, o brado solto quando lhe queriam arrebatar a amada. Compreendeu a sua desdita; voltou a recordar a monja feia, mas sobretudo a favorita do rei de Castela, sempre perturbadora do reino e da vida conjugal do soberano. E decidira-se. Era necessário não conturbar mais a sua existência; carecia de ter junto a si o espôso; ambicionava, saído do seu amor, um herdeiro para o trôno. Mas como, se a outra era o grande pensamento do príncipe, tão louco, que se dispunha a levá-la consigo?!

Antes disso falaria a Inês. Da evocação do passado poderia sair a piedade da formosa, de cuja alma boa era conhecedora. A esta idéa da tolerância da aia, de a suplicar, de se lhe dirigir, como uma vencida, rebelou-se e achou em sua alma de princesa e de castelhana mais orgulho para combater, do que resignação para se prostrar. Seguia-se, no paço, curiosamente, o desenrolar de tais transes e,

numa tarde, viu-se a infanta muito agitada, pálida, abrindo a porta da sua recâmara, da qual Inês saíra, de penteado desfeito, como um manto de luz nos seus ombros de estátua. Bichanara-se duma violência da espôsa de D. Pedro, dum ímpeto incontido em que a molestara e no seguimento dessa scena dolorosa soubera-se que a dama desaparecêra da Alcáçova. D. Afonso IV tornara-se mais meditabundo; o infante, que partira dias antes para uma das suas habituais caçadas, regressara de semblante tão alegre que todos podiam nêle vêr ressumar a felicidade.

O seu amor vencera. Da amada não se sabia mais de que enchera o coração daquêle príncipe. Já lhe assomavam, por vezes, geitos rebeldes, ao escutar algumas palavras contra a que andava escondida nos lugares recônditos, escolhidos com cuidado de cioso.

A côrte estava nos paços de Coimbra e êle andava pelo Minho, apertando consigo a formosa, deixando-a em moradias amigas, procurando refúgios, sítios onde seus beijos não tivessem outro eco, além da recordação perene para ambos. Miravam-se nas águas dos regatos e deitavam-se nas sombras das veigas; colhiam flôres e comiam os frutos dos lábios um do outro; envolviam-se nos abraços em que vagia a ternura e acordava a sensualidade. Esqueciam o mundo, mas tinham uma idéa supersticiosa a cada dia que levavam sem se verem; acolhiam os mendigos e as aves e vivia um eterno sorriso em suas bôcas, sempre que se encontravam juntos. Êle devia pensar em nunca mais se separarem e em ardências se revolviam, em infernais desespêros mergulhavam a cada hora da largada

do infante para os seus paços, a-fim-de esculcar, de pôr vigías às vozes dos cortesãos.

Depois regressava. Embora fôsse inverno sentia o calor do sol no manto dos cabelos da amada e a fúria de suas carícias era como se, sempre repetidas, jámais tivessem sido trocadas. Guardava-a em diversos lugares; no meio das serras, no fundo dos vales, por toda a parte onde houvesse um palácio ou simples pousada de fidalgo seu parcial, até que a conduzira para o retiro seguro da terra de Basto, emquanto não lhe dava um paço próprio do seu amor e da sua formosura. Iam ambos ajoelhar-se diante da imagem de S. Gervaz (1) e de Santa Senhorinha, na igreja aldeã e como Inês era muito devota das relíquias e das imagens, êle prodigava em doações, queria-a feliz, venturosa como as santas na bemaventurança. Tinha-lhe encontrado uma moradia no Jarmelo, entre soutos e diante dum riacho, em casa quási fronteira à de Pero Coelho que andava no Paço, de conselheiro. Tudo se soube logo, talvês pela criadagem, possivelmente pelo áulico, e o príncipe, numa das suas voltas de Coimbra para a Guarda, tomara-se de receios e aprontara nova albergaria.

Emquanto não lhe fizesse mercê dêsse abrigo calmo de seus amores, deixava-a ali na residência dos seus apanigùados, senhores da quinta de Canidelo (2) em S. Thiago de Ce-

(1) Padre José Pereira Bayam. — Reprodução duma carta doativa de D. Pedro àcêrca da igreja de Santa Mónica do Salto, destinada ao capelão que dizia missa na capela onde está o corpo de S. Gervaz «e que na dita egreja fez D. Enez de Castro».

(2) Foi depois doada a D. Inês e comprada a João Coelho e seu sobrinho.

pões, à beira de Vizeu. E por mais que o andassem procurando não o topavam, até que surgiu radiante, sempre com a desculpa de suas caçadas.

Envolvia em cerimónia, que não em amor, a espôsa deixada nos paços de Coimbra. Em reservas a encarava, após a scena violenta com a amada na Alcáçova, depois de suas queixas, as quais tinham produzido fundos rancores em D. Afonso IV. Deixára-a pejada; depois esquecera-a. Já não falava à sua carne; já não dizia coisa alguma a seus sentidos, essa castelhana, de cabelos e olhos negros, diferente da loira mulher marmórea que lembrava uma estátua, doirada de luz. As carícias feitas à infanta nos últimos momentos de sua ligação deviam evocar-lhe reminescências do seu grande amor de culpas e como se guardasse consigo, nos olhos e no corpo, todo o pólen da amorosa bemquerida, a criança, fruto do seu contacto conjugal, devia saír tão formosa que causaria o assombro da côrte.

No último dia de outubro, ao fim de outros dois anos de esterilidade, nascera, emfim, um encantador infante (1). Maravilhara e perturbara porque jámais se notara tanta satisfação no velho rei.

A mãe quís que se chamasse Fernando, em memória dos seus primos de Aragão, um dos quais solicitara consórcio com a infanta D. Leonor, tam bela e tam bondosa, que devia passar no mundo como uma suavíssima luz dum círio pascal.

Ficara muito abalada a jóven mãe, mas em seu rôsto amarelecido pela enfermidade, no

(1) D. Fernando, que se denominou o *Formoso*.

seu corpo enfraquecido, vivia o orgulho de ter dado um herdeiro ao trôno e sómente se turbava ao chegar-se aos espelhos e ao evocar, cada vez mais fortemente, sem mesmo poder deixar de o fazer, a fisionomia macilenta e horrenda da infanta que viera substitùir no tálamo régio.

Vivia-se em adoração perpétua diante do berçosinho real e o monarca, pegando no neto e vendo-o tão gentil e forte, espalhava mercês à sua volta; pacificava-se ante a nora julgada já dispensavel, desde que dera um príncipe à sua casa e, todo jubiloso, parecera esquecer o filho e as suas longas ausências.

Puderam viver mais um com o outro os dois amantes quando a côrte passou a Santarem, onde se íam ajustar as bodas da irmã de D. Pedro com o soberano aragonês (1). Encheram de beijos a sua existência e dentro em pouco Inês, num pranto enorme, dava à luz um filho que morria de dias, exactamente como o afilhado, o pequenino D. Luís, ao qual sentia, agora, vítima do seu sacrilégio. Ambos enternecidos e esperançados no perdão do rei indómito tinham chamado Afonso ao amorzinho nascido de sua intensa paixão. Porém, êle sumira-se num ápice, como uma avesinha levada por um pé de vento. Na côrte soubera-se; chegara aos ouvidos do avô aquêle nascimento, e êle ficara mais meditativo. Tendo um neto adorado, tudo quanto fôssem bastardias deviam recordar-lhe o seu rancôr antigo. Sofrera muito ao vêr o pai acarinhar o irmão, torná-lo seu confidente, beijá-lo e deitar sôbre a sua cabeça bálsamos do

(1) D. Pedro de Aragão.

amor que tivera à feiticeira D. Aldonça Rodrigues, gerando, com o nascimento daquêle Afonso Sanches, uma era de desditas (1), de tumultos, de ódios, de vinganças. Fôra ardoroso na intriga, implacável na ira; à sua volta só espadanavam raivas, emquanto não sentira os bastardos bem esmagados, abatidos, um no exílio, outro no cadafalso.

Sabia-lhe a bôca a sangue nas suas golfadas de remorso; e, então, corria aonde os conselheiros e queria saber se um rei é criminoso quando julga um pai para salvar a sua corôa. Entreolhavam-se. Sentiam avivada a velha lucta no ânimo do soberano e como viam o infante cada vez mais prêso aos encantos de Inês de Castro e sendo o companheiro constante dos irmãos dela, compreenderam o terror que se aninhara no ânimo do bravo, tomado de superstições e de pávidos receios.

Não havia folguedos que o distraíssem e tampouco fossadas ou justas. Rugia. Ao esportular o dote da filha para o de Aragão, a pedido da nora, sentira que todos os seus amores o deixavam e ao vêr D. Constança lacrimosa, envelhecida, a-pesar-de sua pouca idade, condenava em D. Pedro o amor pela amante tão linda, pois devia antes dedicar-se à desditosa.

Imaginava, dêste modo, o homem bravo e casto; e, todavia, recordava sempre como o encanto da formosa Inês actuara até no rígido blóco de seu ânimo indómito. Era junto do berço do neto que êle aguava na alma o fogo do inferno de seus tormentos. Futurava casti-

(1) Vêr *Rainha Santa Isabel*, obra do autor, na Colecção «História».

gos, novas guerras, todo um cataclismo a punir os males praticados noutro tempo e preguntava a si próprio, dolorido e duvidoso:

— Ambição ou direito? Rancor ou justiça?

O guerreiro não sabia rezar. Os conselheiros sentiam-no desvairado e deparavam-no em delírio quando a nora, num pranto desfeito, alucinada como nos instantes em que evocava D. Branca, lhe gritara, a solicitar o seu amparo, o seu braço de rei, para punir:

— Senhor... Senhor... Aquela perdida má mulher gerará desgraças como D. Leonor de Guzman, em Castela...

Afonso IV rouquejou. Vivia há muito em seu ânimo essa idéa dos filhos de sua filha e do rei castelhano, desdenhados ante rebentos da paixão fatal do monarca pela favorita.

E da sua garganta desoprimida passou um berro de ódio, do seu ódio antigo que êle achava ao gargalhar, todo sacudido, de olhos injectados, condenadores.

QUINTO QUADRO

VOZES DE AVISO, ALMA SEM ÉCO

EM breve a infanta ía acabar o seu fadário, nêste mundo. D. Branca, que a assaltara nas suas visões, tivera a clausura. Ela ia sumir-se na jazida. Ainda ouviu tratar do futuro da primogénita e toda se turbou de precóces saudades do filhinho que deixaria tão formoso, igual a um anjo de Deus. Sepultaram-na num túmulo no côro da igreja de S. Francisco de Santarem, no qual ficou como uma planta da ardente região castelhana, no seu herbário rendilhado, depois de destroçada pelas rajadas súbitas da terra portuguesa. Mal a choraram. A filha ía casar quando completasse os doze anos. D. Fernando era muito menino para a recordar por largo espaço. D. Afonso IV deixara-a partir sem pena, pois cumprira o seu dever de dar sucessão ao trôno. D. Beatriz decerto encontrou na vontade divina, que a levara, concordância com o seu desejo de salvar o filho dos embates do ciume da altiva espôsa. Para D. Pedro, já pai de um filho de Inês de Castra, a viuvez foi motivo para o respeito e

o dó duns meses e para a entrega às doces cadeias do seu amor.

Não ocultou mais a que o cativara. Andavam juntos, em cavalgadas, pelos lugares preferidos, do Jarmelo ao Basto, de Candielo a Bragança, talvez a Valadares, a verem o berço da bemquerida que ia residir em Coimbra, no paço, junto ao mosteiro e que pertencera à Rainha Santa Isabel, avó do apaixonado príncipe. Já nem se recordavam dos seus pesares; na residência da virtuosa soberana beijavam-se, apaixonados; e o infante, livre de compromissos, dedicando-se à amante, com loucura, só a largava por uns dias, a-fim-de ir caçar nas serras.

A moradia visinhava com o convento de Santa Clara e as monjas, através das rexas, podiam vêr o amoroso par nas suas tardes de passeio: ela, sempre linda, esbelta, aformoseada, mesmo depois de ser mãe dum menino a que se dera o nome de João, em lembrança dum filho de Afonso IV, dum irmão de Pedro, que jazia em Odivelas com o avô. Nascera-lhes também uma filha, lindíssima. Chamou-se Beatriz, como a avó. Ela soube-o e enterneceu-se (1) pela lembrança, emquanto D. Pedro e D. Inês continuavam no seu idílio.

Cantava na cláustra paçã uma fonte, que chamavam dos Amores, não evocando o par apaixonado que junto dela murmurava suas confissões, mas porque o povo de tal a denominara anteriormente. Era de mármore e a carranca que a encimava, gorgolejando água, apresentava a bica quebrada pelo tempo. Ao

(1) Por seu testamento a rainha deixou aos netos legados que constam da *Historia Genealogica da casa Real.*

fundo ficavam os hortejos verdejantes e a vasta paisagem do Mondego, iluminada aos olhos dos amorosos e cheia de tôdas as graças da natureza, era recreio das almas que se embebiam docemente uma na outra, numa ânsia de eterna ligação. Pertinho da fonte liam os seus rimanceiros, fábulas e cantares de trovadores e quando das ausências do amado, ela entretinha-se com os filhos, bemvindos do seu elevado amor, a ouvir o rúido musical da linfa, ora gemendo, ora reboando, flébil; agora, como um suspiro, mais tarde sonora como um apêlo, aiando ou gritando, sussurrando ou parecendo vozes de bem se entenderem. No vasto tanque do convento outras águas rumoravam e as árvores, com seus frutos, atraíam as aves que vinham cantar nos ramos, ternas e canoras, cumpliciadas nos beijos que êles trocavam.

Sentiam-se em grande paz. Chegavam até ao seu leito os risos dos dois pequenitos tratados pela aia nas casas visinhas e às vezes ficavam meditativos quando o som do órgão das claristas atravessava as paredes, entrava pelas janelas, lançava um perfume de religiosidade no profano encanto de suas carícias, um arrepio estranho nos seus espíritos inquietos.

Tôda a gente sabia que Inês ali morava e que na roda das suas sáias brincavam os filhos de D. Pedro. Estava pejada, novamente, e já se determinara chamar Diniz ao seu filhinho, se fôsse varão, porque se lembravam, em seus poéticos anseios, do grande rei trovador e apaixonado. Evocavam-no nos paços da Rainha Santa, à qual dera tantos desgôstos por seus amavios e inconstância. A ventura che-

gara, alfim. Sem aquelas ausências do infante seria completa a felicidade do *Collo de Garça.* Sôbre as cabecitas das crianças acumulavam sonhos, como todos os pais; e êle, se alguma vez se lembrava de ser rei, era para doar vastas mercês aos seus amados, pelos quais a avó já preguntava, nas vezes em que encontrava o filho. De quando em quando aparecia na côrte. Deparava com o olhar severo do pai; ouvia as vozes dos cortesãos, a lisongeá-lo e as de alguns fiéis a segredarem-lhe as cóleras que, a miúde, rebentavam dos lábios de Afonso IV, o qual trazia sempre em volta os do conselho, como o meirinho-mór, Diogo Lopes Pacheco e Pero Coelho, senhor do Jarmelo, com outros murmuradores.

Pouco se detinha; encavalgava e corria para Coimbra, apenas seguido por um escudeiro e por um pagem. Tardava-lhe em vêr os pequenitos, em se refugiar com Inês na grande alcôva, a beijá-la, a ouvi-la, a enchê-la de carícias, tonto de paixão, de olhos esbrazeados e tão tardo em seu comovido falar, ante as sensações dêsse amor, como sempre que um novo sentimento ou uma surpreza o assaltava.

Seguiam-se os costumados enleios, as conversas, as leituras juntos à fonte dos Amores, as vozes das monjas em seu côro embalando aquêle idílio perfumado pelo incenso e pelo aroma dos laranjais. Mal sentiam a vinda dos invernos porque se aqueciam na sua paixão e só davam por êles quando das bicas gorgolejava a água mais rùidosa e o Mondego, engrossando, rugia nas suas cheias, arrastando troncos como barcos perdidos ou como náufragos negros nas ondas brancas.

Esqueciam tudo. Visitas mal as recebiam e sem os monteadores que vinham desafiar o príncipe para as batidas o paço de Santa Clara só teria como écos os sussurros mansos das palavras meigas, os risos trinados das crianças, o cântico das freiras, o assobio dos melros e os fascinadores garganteios dos rouxinóis. D. Pedro, quando ia para as caçadas, a custo se soltava dos braços de Inês; a amorosa, quando ficava só, mal se desprendia do encanto do amante.

E assim, entre os filhos, numa suave ternura de suas almas, viviam, já olvidados de que eram compadres de águas bentas e cúmplices no sacrilégio de se amarem ouvindo as vozes das águas dos Amores e o psalmodear das religiosas.

O arcebispo de Braga, D. Gonçalo Pereira (1), no regresso a Lisboa, onde fôra chamado, pois era grande valido, procurara o príncipe, a querer saber se casara com Inês. Da parte do rei viera também Diogo Lopes Pacheco e ante o amigo de sempre e o conselheiro do pai, êle, gaguejando, negara, ao ouvir o último dizer que sem tal consórcio de bem podiam levar sua vida. Todavia o prelado demorava-se mais em confidências. Na côrte aventava-se não amar êle o filho do matrimónio; culpavam-no de passar em grande intimidade com os irmãos da amante, castelhanos ambiciosos; atribùiam-lhe desejos de engrandecer as crianças nadas de seu conúbio e talvez de dar o trôno a uma delas. Por isso o monarca andava averiguando do casa-

(1) Avô de Nun'Alvares — Vèr a obra do autor *O Condestavel*, na Colecção «História».

mento que lhes daria legitimidade, as tornaria aptas para a sucessão, em detrimento de D. Fernando, na hora da lucta das facções.

E Afonso IV rugira, à lembrança do sucedido com os bastardos, seus irmãos; sangrava-lhe o coração ante as torturas sofridas pela filha, a rainha de Castela, ante as ambições da prole de D. Leonor de Guzman. Então entregava-se a fúrias devastadoras, alucinava-se, recordava sempre o passado e tudo quanto o movera contra o pai. Ressuscitavam nêle as iras, zebravam-se-lhe de dôr e de cólera as idéas e futurava as tormentas. Os ilegitimos rebentos dos amores de D. Diniz tinham-se movido contra êle; a-pesar-de já terem passado tantos anos e dos castigos inflingidos ainda não perdoara e jámais acreditaria na inocência dos que punira.

Amanhã seriam os filhos de Inês de Castro, os frutos do ventre da concubina — assim a tratava, já livre do encanto que o turbara — seriam êles os algozes do reino e do futuro rei, dêsse nètinho que via crescer cada vez mais lindo — como se o pai recordasse a amante ao enlaçar a infanta — mas também feito da indolência e de falhas de querer.

Ia nos oito anos e se era garboso e sentia freimas de cavalarias, isto durava-lhe uns momentos, apagava-se, igual à scentelha pirilampando numa brisa.

Sem dúvida que bastaria ser mais forte e ambicioso um dos filhos de Inês para êle sucumbir; ao lado dos outros devia haver a ganância dos tios castelhanos e o perigo aumentava, porque, fatalmente, o infante viúvo consagraria o seu amór pelos laços do casamento. Se não o fizera já, não tardaria. Eis o

que gritava o rei, depois de industriado pelos áulicos, acrescentando ser necessário ligar o futuro soberano com alguma grande princesa, digna do seu trôno.

Rebentara em mais coléricas explosões quando êle se negara a novas núpcias e D. Pedro também se arrebatara, espumejando, pela teima paterna e agira ante os avisos do bispo, seu dedicado amigo. Nunca levantara tanto a voz e, num ímpeto, em saltos bruscos, epilepticamente, gaguejando, irritado, ameaçara; porém, logo caíra em calma, ao dar pelos leves passos da amante e pelo roçagar do seu vestido.

O arcebispo insistia nas afirmações e dizia-lhe que, ao menos, defendesse a amante, casando-se, pois tornado um facto consumado o receio de el-rei, ela seria inviolável. Num arranco, o infante decidira maridar-se com a bela do *Collo de Garça* e o prelado partiu mais tranqùilo, com seu séquito, em galopada pelas margens do Mondego rugidor, no comêço da invernia.

SEXTO QUADRO

OS ALGOZES DO «COLLO DE GARÇA»

OS esculcas fôram dizer ao rei que D. Pedro partira para uma batida aos lobos, em direitura à serra da Louzã e êle, no castelo de Montemór, à beira de Coimbra, vibrara com as vozes dos conselheiros. Era preciso acabar com o mal que ao reino poderia vir, por banda daquela real concubina. Ardiam freimas em seu ânimo mas, por vezes, apagavam-se, voltando mais ardentes, vivas, ansiadas, a cada palavra dos cortezãos. Decidira-se, emfim, e encavalgara, metido no seu ódio e na sua resolução. Erguia, numa grande rigidez, a estatura.

A seu lado Diogo Lopes Pacheco guardava silêncio; Pero Coelho e o meirinho-mór, Alvaro Gonçalves, sequitavam-no com outros cavaleiros, alguns págens e escudeiriços. Era uma cavalgada ruidosa, na sua pressa, galgando os caminhos alagados pela chuva de janeiro, passando de roldão nas pontes onde as cheias tinham extravasado, detendo-se ante as poldras das ribeiras engrossadas, avançando sôbre Coimbra, como um terrível destino. Envoltos nos longos mantos que os res-

guardavam e lhes encobriam as armas, os curtos punhais, machadinhas de guerra e adágas, os do rial bando acicatavam os corséis, todos tomados do pensamento dum súbito regresso do príncipe, antes de punirem a mulher que poderia pôr em convulsão o reino. O mais sorumbático era o monarca. De maior gravidade se apresentava Diogo Lopes Pacheco. Decididos, sentindo-se justiceiros, os dois outros, emquanto os do tropel obedeciam.

Por toda a parte as ataláias falavam da ausência de D. Pedro. O coração não o avisara tanto como dera seu rebate a alma de Inês. A rainha mandara dizer ao filho que se acautelassem; vivia-se em iras contra ambos; ouvisse os dos conselhos «porque ella como mãy, e elles como vassallos leaes e amigos, lhe desejavam evitar toda a occasião de desgosto, que sem duvida o teria pelo effeito dêste caso (1).» Aspiravam vê-lo separado da bem-querida; julgavam intimidá-lo; era o que pensava, agradecendo à soberana, ao arcebispo, aos amigos. Como sempre beijara-a muito, antes da partida; vira-a trémula e chorosa, mas era o uso em suas separações; porém, nêste momento, ela sentia um alarme maior, saído dos rumores que não pudera deixar de escutar. Evocava sempre o rei, a pedir-lhe que partisse para longe, o luar de cólera de seus olhos maus, as rugas de seu rosto, logo dissipadas, perante a sua obediência e encantos.

Ficara com as crianças e as aias, na madrugada chuvosa em que o amante partira.

---

(1) Padre José Pereira de Bayam. — *Supplemento á Chronica de El-Rey D. Pedro.*

A cavalgada corria sôbre os paços de Santa Clara, como uma núvem fulminadora. Fóra do mosteiro e da moradia caíra um enorme silêncio. Rolava, com estrépito, a água na bica quebrada dos Amores e sem essa música impetuosa julgar-se-hia que se entrara num sepulcro. De repente, tudo se animou; correram as camareiras, em mêdos e em horrores, a dizerem que el-rei se apeava na portaria e Inês, num arranco, sobressaltada, descera as escadas de pedra, em corrida, apanhando a cauda do vestido. Os filhos, que brincavam, seguiram-na como as avesitas ensaiando vôos atrás das asas céleres das mães e quando D. Afonso IV apeou, num tinido de armas, com a gente do séquito, encontrou-a na sua frente, mais linda, a baguear as suas lágrimas temerosas pelo formoso rosto como a água mais límpida da fonte dos Amores. Os conselheiros encaravam-na, tendo sentenças, que ela compreendeu, nos olhos raivosos e, então, agarrando as mãosinhas dos pequenitos e mostrando-os ao avô, quizera movê-lo à clemência, soluçando suas escusas. Se havia crime, era alheia à culpa. O ser amada não era indústria sua; não sabia que isso fôsse mal; mereceria, portanto, o bem-querer, mais prémio do que castigo: «Puzesse el-rey os olhos n'aquelles innocentinhos que a seus pés, prostrados, imploravam a sua piedade; não os quizesse orfanar tão cêdo nem macular sua fama e valor com a morte d'uma fraca mulher (1)». E em seus gemidos, arrastando-se com os filhos nas lages, pedia-lhe o perdão.

(1) Padre José Pereira de Bayam — *Supplemento á Chronica de El-Rey D. Pedro.*

Desenrugara-se o rosto do Rei ante a beleza soluçante, as faces inundadas de pranto das crianças que, de mãos postas, suplicavam, e ía fazer um gesto; porém, ela já estava de pé, a querer agarrar-lhe a veste larga, a conduzí-lo, sempre chorando.

Movera-o à piedade, vira-o passar o átrio, sentia-o consigo na sala baixa, mas ficava hirta, desvairada, ao ouvir as vozes dos conselheiros evocando o príncipe, o castigo que lhes inflingiria ao voltar, sabendo-lhes das intenções e, ao mesmo tempo, apontavam o perigo para o reino na incompreensivel brandura de seu coração de rei que os incitara e lhes acudira às rasões. E o indómito acordou na sua cólera, voltou as costas, traçou um desordenado gesto de quem hesita e receia, de quem vacila ou se desinteressa.

Apareceram nús os punhais; em breve se lançavam sôbre a linda Inês as mãos fortes dos executores, mas, num repente, vendo os filhos de rastos, as aias fugindo em grita, ela, evocando o seu amor ausente, querendo viver, sacudiu-os, arremeçou-os para longe, ganhou ânimo e rijeza. O *Collo de Garça* tinha a ardente energia duma amazona; sentiu sob os seus pés um dos algozes, por terra, enrodilhado. Logo, porém, a agarravam pelas costas, lhe seguravam as mãos, emquanto lampejavam no ar as lâminas dos punhais, procurando sua carne afeita aos beijos. Num scintilar de relâmpago uma machadinha de guerra perpassou e a formosa caiu banhada em sangue, os cabelos de oiro desfeitos, na sua cabeça meio decepada.

Ouviu-se um tropel; largava a cavalgada rijamente pelos campos; seguiam-na os olhos

das monjas através das rexas e, na porta da sala baixa, as aias, aterrorisadas, escondiam das crianças, em choros, o corpo mutilado da linda Inês, tôda em oiro e sangue no ocaso da sua vida, amortalhada em raios de sol numa manhã chuvosa de janeiro.

D. Afonso IV metera-se na sua vizeira impenetrável. Sentia chegada a hora do castigo de tudo quanto praticara contra seu pai. A cavalgada voava direita ao Outeiro, num turbilhão, e pela noite uma outra, mais veloz ainda, alarmava as campinas. D. Pedro regressava, já sabedor do crime, turbado como um doido e, ao apear-se, arremessando de si os que se lhe aproximavam, caiu a gritar, contorcido, beijando o pescoço decepado da amante, seus seios, seu *Collo de Garça*, os olhos fechados, as tranças côr de luz na treva da sua morte.

Rolava-se no solo, increpava o rei, os conselheiros, até Deus, que lhe deixara roubar a sua formosa amante e, com os lábios cheios de espuma, de sangue, de ódios, de imprecações, atirou-se para o leito de seus amores rugindo, atroando o paço com seus berros. Ao dealbar estava lívido; passava nas casas como uma fúria, só clamava:

— «É a guerra! É a guerra!»

E a raiva levava-o a ranger os dentes, a bramir insolências e a prometer castigos, emquanto as monjas conduziam ao sepulcro do seu convento o corpo da desditosa. Os pequeninos, vestidos nos panos brancos do dó, estavam lá em cima muito quietos, receosos do pai, dos cavaleiros, do mundo inteiro, sob a fúria do temporal que desabara sôbre Coimbra. D. Pedro declarara em seus arrancos:

— «É a guerra! É a guerra!»

E foi. Dentro em pouco, parte da província de Entre-Douro e Minho erguia-se a favor do infante; os fidalgos seus parciais acudiam com as hostes e ao mesmo tempo os vilões apareciam das terras de Basto, em fúrias, recordando a senhora linda que ajoelhava na capela de S. Gervaz; os irmãos da assassinada, os Castros, chamaram tambem a sua gente e em breve uma mesnada tumultuosa, chefiada pelo infante semi-louco, erguia os seus balsões de vingança.

Os acontiados talavam as regiões dos contrários, faziam as razzias nas povoações dos amigos do rei, os de bésta fuzilavam-nos sem mercê e os cavaleiros desafiavam os antagonistas para combates singulares, emquanto o príncipe só dizia querer em suas mãos os matadores. Descia para a banda das suas terras, levando a devastação. Traz-os-Montes acaudilhara-o; já se erguiam alguns vilares beirões e êle endireitava a hoste para o Jarmelo, a-fim-de haver a família de Pero Coelho, as suas rezes, as suas casas, os seus campos.

D. Afonso IV movera o maior número nas visinhanças de Braga, onde o arcebispo mandara obediência e, lançando-se sôbre Guimarães, ia ao encontro do filho. Mal se reconhecia no homem de barba branca e olhar baixo o rei das revoltas. Chegara a hora do seu tormentoso castigo; o mal feito ao pai pagava-o agora ante as lanças dos seus vassalos, ajoldando o filho. D. Gonçalo Pereira enviara a rainha ao encontro do infante; partira êle próprio a defender o Porto para onde D. Pedro desviara a hoste, ao saber o soberano em vesos de batalhar. Durava havia quási sete meses

aquela lucta, a sua devastadora marcha pelo reino. E D. Beatriz, agarrada ao rebelde, pedia-lhe a paz, ante os inocentes condenados em seu ódio. Devia responder-lhe, num rancor fundo, desvairado, serem inocentes a sua Inês e os seus pequeninos, mas o arcebispo de Braga, ao vê-lo em transes de choro, aparecera com a trégua, evocara os seus avisos e amisades. O rei partilharia com êle o mando; dar-lhe hia ouvidores, direitos de justiça que se exerceriam em seu nome, chamava-o para si, solicitava-lhe obediência, pela voz do remorso. Aceitava, muito abatido; mas quando lhe falaram no perdão dos assassinos da amante, ascuaram-se-lhe os olhos duma luz estranha, de loucura. Pegou no estilete, traçou a sua signa no tratado e soltou uma risada que ecoou nos barrocais do Tâmega, minguado pelos calores de agosto.

SÉTIMO QUADRO

CORAÇÃO QUE ESTALA, CORAÇÕES QUE SANGRAM

APOUCARAM-SE as fôrças do bravo rei, aos sessenta e sete anos da sua idade, a menos de desassete meses da morte de D. Inês de Castro. Reinava havia trinta e um anos mas levara quási cinqùenta a rebelar-se, a insurgir, a combater. Agonisava em seu leito do paço da Alcáçova e mandara chamar o filho cuja cólera jámais se apasiguara. Era o seu testamento politico que desejava transmitir ao exaltado, com cuja inimisade contava (1), afogado no remorso intenso do que praticara outrora contra seu pai e o irmão.

---

(1) «Procurou, por todos os meios, reconciliar-se com o filho e posto que o conseguio bem se deixava entender, que da parte d'este, erão tudo demonstrações superficiaes e aparencia, como depois mostrarão os effeitos. Com esta espinha na garganta morreu El-rey D. Affonso IV, em Lisboa, n'este dia, anno de 1357.»

Padre mestre Francisco de Santa Maria. *Diario Portuguez.*

D. Pedro andava a montear na ribeira de Canha quando chegaram os emissários.

Acicatou o corcel e partiu. Já então o velho chamara à sua recâmara os conselheiros, os cúmplices executores da morte de D. Inês de Castro e, em palavras avisadoras, compungido mas demonstrando siso e amisade, no momento da morte, ordenou-lhes a passagem a Castela, visto não poderem contar com a benevolência do príncipe e êle ir mergulhar nas sombras eternas. Debalde os pálidos algozes disseram ter o infante assegurado seu perdão, mas o rígido político, como se tivesse ouvido a gargalhada sacudida, solta nas margens do Tâmega, insistira que «salvassem suas pessoas, o mais prestes que podessem».

Encontrariam o acôlho, devido a grandes senhores, na côrte do filho da infanta D. Maria que lá reinava assediado pelos bastardos de Leonor de Guzman.

Deviam ser caros à sua alma tais cavaleiros de acção contra uma favorita.

Era cruel, quási satânico, compreendê-los hia.

Quando D. Pedro chegou ao quarto do soberano já êles tinham partido. O moribundo não devia encontrar a clemência nem o perdão nos olhos desvairados de seu herdeiro que, após sua morte, envergara o dó e mandara chamar os seus parciais e, entre êles, o irmão da assassinada, D. Alvaro Peres de Castro, o conde de Barcelos, seu grande amigo, Vasco Martins de Sousa, ao qual nomeara chanceler, o Mestre Afonso das Leis, o privado João Esteves, Alvaro Pereira e a Gonçalo Pereira, arcebispo de Braga, em cujos braços caíra em soluços, gaguejando seu de-

sespêro, e fechara-se com êles. Tratara de reconhecer os filhos da sacrificada. Ao aparecer nas ruas, ao ser aclamado ante os súbditos, o príncipe afixara uma máscara de severidade que lembrava a do pai, quebrada, porém, a vontade em seus impulsos arrebatados, ao fazer justiça a seu modo e ao mover-se em epilépsias, babando-se, enovelando-se-lhe as falas zangadas, ao irritar seus nervos destrambelhados, para de novo recaír na sua grave aparência.

Visitara os freis de Alcobaça e decidira do traço de dois túmulos, um para seu corpo, outro para o de Inês, quási juntos, para ali ficarem «até ao fim do mundo», ao Juizo Final, como diriam as pedras reveladoras. Dormia no mosteiro; êle próprio queria dirigir a construção dos moimentos da eterna lembrança da tanto amada.

Os foragidos portugueses deviam classificar de tonteira o aviso do velho rei, ao sentirem a paz de que gosavam na côrte de D. Pedro, o Cruel, e pelas notícias provindas de Portugal, onde ninguém já falava dêles ao cabo de cinco anos do seu acto e passados três da morte do monarca cuja sucessão directa se lisongeavam de ter salvo. Eram políticos, procedendo em nome da razão de Estado, e não bandidos, como os acoimara, outrora, o infante.

Tirara-lhes os bens, era certo; mandara arrazar o Jarmelo, doara as herdades e coutadas dos exilados a seus parciais, quisera vêr o seu chanceler, Vasco Martins de Sousa, apossado das terras de Pero Coelho, mas apenas fizera essa distribùição calara-se.

Devia ter-se transmudado muito o ânimo

do seu inimigo, ao reinar. Com efeito, o rei parecia olvidado das injúrias feitas ao infante. Imaginar-se hia ter deixado de sangrar seu coração e sem as suas visitas repetidas a Coimbra, onde jazia a formosa, e a Alcobaça a entender-se com os freis acêrca das jazidas, dir-se hia ter mergulhado no seu olvido aquela morta tam grácil, tam cara ao seu espírito, tam querida de sua alma.

Mas um dia correra a nova de ter D. Pedro mandado prender quatro fidalgos castelhanos, acusados de rebeldía contra o seu rei. Violava as leis da hospitalidade ao lançar ferros a D. Pedro Nunes de Gusmão, adeantado-mór da terra de Leão, a Mem Rodrigues Tenorio, a Fernão Sanches Caldeirão, a Fernão Goudiel de Toledo e ao entregá-los às gentes de Castela. O Cruel fôra esperá-los a Sevilha para os trucidar e o rei de Portugal folgava porque, secretamente, tratara da troca, do escambo dêles pelos algozes da sua linda Inês, recolhidos no reino visinho. Pero Coelho e Alvaro Gonçalves sentiram-se nas mãos dos meirinhos e guardas e, algemados, fôram trazidos para a fronteira. Mais feliz do que êles, Diogo Lopes Pacheco, o que não mergulhara seu ferro no corpo da beldade e se quedara ante o gesto indeciso do soberano, conseguira fugir.

Praticara actos de bondade, tornara-se esmoler e a um dos mendigos seus socorridos devera o aviso de andarem em sua busca. Informado assim, a meio duma caçada, envergara os farrapos do pedinte e passara para o reino aragonês, enquanto o vingador, rugindo, aguardava em Santarem os que tratava de carrascos.

Desceu a vê-los no pátio do paço, mas transtornara-se-lhe a fisionomia, enchera-se-lhe de maior cólera o rosto ao deparar apenas com dois.

Queria o outro, o que faltava ali e enfurecia-se, corria para os presos e entrava a interrogá-los, movendo na mão nervosa um tagante entrançado. Primeiro fixou Pero Coelho; queria saber quem aconselhara a morte da inocente.

Em tôrno, a côrte, os oficiais de justiça, págens, cavalariços e peões, tremiam diante da raiva do rei, muito pálido, rangendo os dentes, tigrino, deitando com a sua baba as palavras interrogativas. «Quem fôra? Quem fôra?» Calado, num estranho silêncio, o senhor de Jarmelo encarava o irritado soberano.

A seu lado, prêso também a um poste, as mãos amarradas em correntes, o antigo meirinho-mór alvoroçava-se ante a fúria ansiosa do rei que só queria saber como se tramara o crime contra a amada.

Parecia ter parado a própria natureza. Nem um trilo de ave, nem um halo de brisa; as respirações continham-se; rebrilhavam as armaduras na luz das vastas fogueiras ateadas diante dos condenados.

«— Quem fôra? Porque? Porque? Quem fôra?»

Do fundo da garganta sêca do fidalgo do Jarmelo saíu, emfim, uma resposta:

«— El-rei meu senhor e vosso pai!...»

Sibilou no ar a correia do chicote e, com o silvo, lavrou um vergão no rosto de Pero Coelho, logo laivado de sangue.

A dôr acicatou-o e, num brado furibundo,

cuspiu-o, acusou-o. Recebeu novas tagantadas e gritou-lhe:

« — Algoz, perjuro, carniceiro de homens! . . . »

Gargalhava sinistramente, o rei; evocava-se a carniceria dêles no corpo mimoso e amado da linda Inês e, num ímpeto, apontando-lhes as fogueiras, disse-lhes que seriam queimados na sua frente, como se quisesse, no rechinar de suas carnes, dar-lhes a imensa dôr do seu coração, ao arder na lava da saudade. O açoitado, escarrando sangue, escorrendo bilis, alucinava-se, increpava:

«— Traidor, sem fé, algoz! . . .»

«— Oh! oh! . . . Tragam-me cebola e vinagre, que quero comer este coelho! . . .» — dizia o rei.

Gaguejava, rindo, com a segurança de não lhe escaparem. Subiu para a varanda onde lhe tinham posto a mesa da sua refeição. Os condenados esperavam. A máscara sangrenta do agredido luzia estranhamente aos olhos de Alvaro Gonçalves que cerrara os dentes e não respondera às preguntas régias.

Então, D. Pedro, chamou os seus amigos, falou baixinho, riu mais, tomou grandes bocados de vianda e, trincando-os, continuava a rir deliciado, diabólico, por sua vez, monstruoso.

«— Pelas costas... Pelas costas... áquelle... Arranquem-lhe o coração» (1) — e apon-

(1) Não era um castigo novo. Já no tempo de D. Diniz o rei dissera, como se fôsse um uso para casos terriveis, referindo-se à justiça a quem lhe ofendesse o filho: «Sem alguma piedade lhe mandaria tirar o coração pelas espaduas, como ao mais vil homem do mundo.»

Duarte Nunes de Leão. — *Chronica de El-Rey D. Diniz.*

tava o que fôra meirinho-mór na côrte de seu pai e bebia uma larga copa de vinho.

O carrasco tomou-o com vida, íntegro, sem uma gôta de sangue a transbordar da sua carne desnuda; em sacões rápidos, para não impacientar el-rei, ergueu o punhal afiado e, fixando o monarca, que sorria, fincou-lho nas costas penujadas. Ouviu-se um berro que quebrou a calada sinistra do pátio palacêgo e uma golfada de sangue, jorrando, inundou o verdugo que metia as mãos na cava quente do corpo a despedir-se da vida e lhe arrancava o coração fumegante:

« — Vinde aonde a mim, mostrai-mo! . . . » — gaguejou D. Pedro, enviando um prato de sua mesa para lhe trazerem o despojo palpitante, e olhando-o bem, furiosamente, ficou a contemplá-lo, bebendo o seu vinho em vasta copa, como se engulisse aquêle sangue que devia aplacar-lhe a sêde vingadora.

Emquanto atiravam para a fogueira o cadáver mutilado, supliciava-se a Pero Coelho; abria-se-lhe o peito, como se escorchassem uma rez. Reboaram seus brados, feitos em gemidos, à medida que a sangueira corria da enorme brecha esgarçada na sua carne. Dentro do buraco sangrento palpitavam entranhas, e o algoz, ao arrancar-lhe o coração, era tambem já um vulto vermelho, agradável à vista do monarca cujo jantar terminava ao clarão das fogueiras, no cheiro enjoativo das gorduras torrescadas,

Os fidalgos, de cabeças baixas, como se tivessem assistido a um cataclismo, nem se atreviam a encará-lo nêsse fulcro de luz viva que o avermelhava, dando-lhe o ar duma trágica e infernal figura.

Só êle, satisfeito consigo, levantava o rosto, olhava o céu, como se quisesse preguntar a Inês, assistente no empíreo, se estava contente com a sua justiça, com a hecatombe votada à paz de sua alma de amorosa sacrificada.

OITAVO QUADRO

SEPULCROS QUE FALAM

AO erguer-se a lájea da sepultura de Inês, na crasta de Santa Clara, a-pesar da baforada podrida e bafienta, os assistentes conservaram-se em prece. Era a primeira e a última lisonja àquela que el-rei tornara rainha, no seu túmulo de Alcobaça. Lá estava, de tamanho natural, nas vestes de gala, a formosa cabeça coroada, entre anjos diáfanos, reboando em volta da Virgem, sob uma hórrida teoria de demónios e de monstros. Na jazida fronteira — destinada ao amante desditoso — as pedras revelavam a história dos seus amores que êle próprio narrara a um grande artista para a executar até ao calvário da trágica paixão.

Perante o túmulo reservado a seu corpo, na orla da sepultura da bem-querida, D. Pedro recordava, perpassando a vista nas revelações que seu peito não pudera conter [1] e querendo legá-las à posteridade. Decorriam ali os seus dias felizes, a par das horas desditosas, as torturas e os prazeres, êle e a amada, lendo juntos, beijando-se; a Fonte dos Amores, no convento de Santa Clara, cuja bica estava

[1] Vieira Natividade — *Iconographia dos Tumulos.*

quebrada como num mau presságio para quem sua água bebesse. Avultavam as cóleras e os ciumes, as raivas e os terrores, o martírio do *Collo de Garça*, os assassinos esbravejando e, no fim, a cabeça tão bela decepada sob a fúria dos algozes. Descobria-os, também, no seu suplício, epílogo do drama tenebroso de seus amores, aos quais nunca poderia esquecer, conforme anunciava a legenda ali gravada: «Até ao fim do mundo». Eis a despedida para a morta.

Era um rei cheio de poder e de mando; por sua ordem se prosternavam a nobreza e a clerezia ante o caixão da vítima inocente, trazido de Coimbra, numa jornada de dezassete léguas, até ao mosteiro onde erigira os moimentos da sua saudade: «até ao fim do mundo». O soberano, de pé, perto dos bispos de Lisboa, Porto, Viseu, do arcebispo de Braga, D. Guilherme e do Dom Abade de Alcobaça, continuava a recordar, a lêr nas pedras o romance verdadeiro que mandara assinalar e esculpir.

Uma ala extensa de eclesiásticos empunhava tochas, iluminava o vastíssimo templo, no qual ressoavam os cânticos sagrados; alçavam-se pendões, signas, cruzes e rebrilhavam, ao fundo, as longas tubas de prata, agora caladas, mas que durante as dezassete léguas do percurso chamaram os povos aos rebordos dos caminhos, com seus brandões acêsos, a ladearem, reverentes, o funeral da rainha dum reino que existia no peito do seu primeiro subdito. D. Pedro evocava e via a funda bocarra negra do coval, a baforar podridões como um hálito mortífero e infecto. Quando as táboas do ataúde se despregaram não con-

tivera um estremecimento diante dos restos da sua amada. Tinham decorrido seis anos e apareciam-lhe as lhamas dum vestido de côrte, ossos rompendo brocados e de sob o lenço bordado, ao afastarem-no, surgia a sarcástica visão dum rosto devorado caprichosamente pelas larvas. O tempo, a terra e os gusanos, aliados sinistros duma tarefa misteriosa, mostravam a sua obra: as carnes dos afagos e dos beijos em farrapos enegrecidos; feia, horrenda, a que fôra maior formosura das Espanhas. Já não passava duma ossada mal vestida das galas, do parecer, a que tantos louvores merecera de cavaleiros e poetas. Antes de se tornar pó era um hórrido despojo. Só as madeixas atiradas para um lado, no seu crâneo, brotavam como caudais de oiro na miséria da morte. As mãos descarnadas deixavam cair as unhas, outróra róseas, e as pupilas entontecedoras, de algum tempo, tinham-se tornado os fundos orifícios de treva numa caveira enegrecida. Os cabelos, porém, luziam, tendo sua vida ainda alimentada pela vasa humana. Do *Collo de Garça* ficara um esqueleto a aparecer por entre as roupagens magestosas. D. Pedro não quizera vêr mais. Cerrara-se a tumba; êle fizera um movimento e organisara-se logo o préstito, a desfilar de Coimbra até Alcobaça, entre velas acêsas, arrobas de cêra queimadas em honra da querida morta. Durante o dia eram brandas flamas de círios; na descida do crepúsculo línguas de fogo vermelhejando nos cabeços, nos vales, nas curvas e ladeiras; fechada a noite um incêndio deslumbrador. Construira assim a apoteose da sua paixão. Os túmulos revelavam a história esculpida. Tão grande fôra o

seu amor que até àcêrca dêle as pedras falavam. Lá se viam narrando, numa eloqüência rara, os episódios do seu idílio: beijos, frutos de carícias, vizeiras de inimigos, águas de fontes, sangue inocente, entranhas de feras e o monarca, acordando para o ambiente, julgava-se também afogado em sangueira.

Tinham-se acendido mais tochas; ardiam às centenas e avermelhavam tôda a igreja. Escorria sua luz das rosáceas; inundava a nave, batia nas vestes, nos saios, nas dalmáticas; scintilava nas armas, nas tubas, nas longas, nas mitras, nas pregas dos estandartes; palpitava sendo, ora um reflexo na veste branca dum monge, para logo o cardinalizar, enroupando-o na púrpura de sua maior chama. Vermelhos se tornavam os pórticos, os altares, os púlpitos, as arcarias, a maravilha dos túmulos ante os quais as cabeças se curvavam.

O Dom Abade de Alcobaça não reconhecia o seu mosteiro. Em todos os olhos, a-pesar da canseira da jornada, fulgurava ainda o deslumbramento de tantos milhares de luzes orlando os caminhos e parecendo juntar-se ali, no claustro da apoteose da paixão. Jamais tão pomposamente se consagrara um amor começado por um sacrilégio e terminado num drama. Eram os esponsais duma morta com um alucinado, entre as grandezas do mundo, a hierarquia dos vivos. Iam sepultá-la. Erguiam nos braços o seu caixão, levantavam-no, alçavam-no, aclamando-a sua rainha, ao lançarem-na no frio das pedras, como noutras idades se sagravam os reis, colocando-os sôbre os escudos. Resavam-se missas em todos os altares; num grande rumor de armas, de acica-

tes, raspando os lagêdos, prostravam-se os assistentes, abatiam-se as bandeiras e o cadáver ficava depositado no seu jazigo, ante o qual as mais poderosas frontes se abatiam.

Lentamente, o monarca curvou a cabeça; depois, o busto; por fim, batendo com os joelhos no lagedo, quedou-se, num recolhimento difícil de definir. Não se sabia se orava como os católicos, se fazia uma prece pagã a êsse corpo que, mesmo entrevisto em sua podridão, viveria em sua retina sempre magnífico e belo como na estátua que se movera ao cerrar-se a tampa do sepulcro.

Murmuravam-se orações; mais a mais intensas, as chamas avermelhavam o âmbito do mosteiro.

Decorreu tempo; fez-se um silêncio enervante. Ninguém se atrevia a mecher-se; alastrava a calada. O cansaço abatia os corpos; as velas rolavam as suas bagas de cera, como em prantos pela assassinada; espalhava-se, com o seu cheiro, o do suor e o olor do incenso pela vastidão do templo tomado pelo séquito real.

Por fim, D. Pedro agarrou-se ao rebordo do túmulo que fizera erigir para seu repouso, defronte da jazida da sua linda Inês, olhou mais para dentro de si do que para os circunstantes, num esfôrço ergueu-se e quedou-se ante os quadros de sua louca paixão.

Um grande ruído se ouviu. Todos se levantavam no mesmo retimtim de espadas, acicates, hastes de estandartes, báculos e correntes de incensórios. El-rei circunvagou a vista pela côrte, como se despertasse novamente e foi recuando, sem desfitar o túmulo da amante, como a dizer-lhe que não tardaria

em vir ali ficar na sua cama de pedra «até ao fim do mundo».

E agora, que já não a podia beijar em sua podridão, seria aquela jazida o leito de seu amor tão infeliz, tão duramente cortado, como jamais haveria outro em Portugal.

Na confusa partida atrás do soberano farandolaram as tochas, um luzeiro fortíssimo chapejou o pórtico. Ele descia sòsinho entre as alas das velas hirtas nas mãos dos fidalgos, pela manhã arrepiada de frio, no dealbar de abril, mas ainda de indecisa primavera.

Ressoaram as longas, trombetas e tubas, retumbaram as vozes cantando os últimos ofícios na concavidade das abóbadas do templo. O monarca passava hirto, solene, lento, no seu manto de dó. No largo estremeceu, mal se conteve nuns impulsos agitantes de sua compleição; sacudiu-se, encheu-se-lhe a bôca de espuma, ao passo que mestre Joanes, o físico, se aproximava afastando os cavaleiros, os homens de armas, os liteireiros, a turba nobre e decorativa daquela apoteose duma infeliz paixão.

Inês ficara no seu túmulo branco, rodeada pelos anjos nas pedras eternas que falavam e falam, contando a história dos seus grandiosos e trágicos amores.

Os Grandes Amores de Portugal

TITULOS DOS CAPÍTULOS:

I. — Linda Inês.
II. — Desvario de Rainha.
III. — Flôr de Altura.
IV. — A Amada do Camareiro.
V. — O Drama de Vila Viçosa.
VI. — Relicário de Paixão.
VII. — «Senhora de Bem Fazer».
VIII. — Sóror Mariana.
IX. — Sombra de Rei.
X. — Madre Paula.
XI. — Dona Flôr da Murta.
XII. — O Bichinho de Conta.

BIBLIOTECA NACIONAL DE LISBOA

Heróis, Santos e Mártires da Pátria

TÍTULOS DOS CAPÍTULOS:

I. — Rainha Santa.
II. — O Condestável.
III. — Os Dôse de Inglaterra.
IV. — O Vèdor de Sagres.
V. — Infante Santo.
VI. — Cavaleiro da Morte.
VII. — O Decepado.
VIII. — A princesa Santa Joana.
IX. — Vasco da Gama.
X. — O Grã-capitão.
XI. — Camões.
XII. — O Fantasma de D. Sebastião.